



## **MEDICALIZAÇÃO DO COTIDIANO: UMA BREVE CRÍTICA NA VISÃO DA TEORIA ANALÍTICA DO COMPORTAMENTO**

**Cristiano Barbosa Gonçalves\***

1 – Psicólogo, Especialista em Análise do Comportamento aplicado à prática Clínica e Social e em Saúde Pública, UniFOA, RJ.

\*Autor correspondente. Centro Universitário de Volta Redonda - UniFOA. Avenida Paulo Erlei Alves Abrantes, 1325, Três Poços, Volta Redonda/ RJ. CEP: 27.240-560. ✉ [cristianobarbosa1000@gmail.com](mailto:cristianobarbosa1000@gmail.com)

Em 1974, a Organização Mundial de Saúde (OMS) decidiu considerar a saúde mental com a mesma base dos parâmetros epistemológicos da saúde orgânica. A medicalização da vida cotidiana caracteriza-se como um esforço para conceber no mesmo modelo da doença orgânica o que na visão da Análise do Comportamento é tido como “padrões de comportamentos problemáticos”, e que são entendidos de maneira rigidamente estigmatizada (em alguns casos considerados praticamente irreversíveis) na ótica médica como doença mental. Esse modelo tem o pragmatismo implicitamente como um dos principais pressupostos teóricos, considerando como bem-sucedido o tratamento que consegue diminuir esses padrões de comportamentos problemáticos a um baixo preço e em tempo curto, utilizando-se da aplicação de fármacos aos pacientes infantis e adultos como meio de controle e adaptação dos mesmos às normas sociais<sup>1-4</sup>. O prejuízo à vida humana se encontra no uso insensato e frequente dos mesmos por parte dos médicos, diagnosticando qualquer problema do cotidiano humano como patológico<sup>4</sup>.

Problemas que fazem parte do cotidiano estão sendo convertidos aguadamente para tratamento no campo médico. Esse processo teve suas raízes no século XIX pelo poder jurídico do Estado, que passou para as mãos da medicina a determinação do limite daquilo que é razão ou loucura. Sendo assim, padrões de comportamentos que são problemáticos ao indivíduo, e/ou são interpretados pelos mesmos como tais, sendo resultado tanto da filogênese (desenvolvimento da história de uma espécie), como ontogênese (curso da história de aprendizagem de um organismo) e cultura,

estão sendo estritamente atribuídos somente à biologia, o que fortalece a eminência do modelo da doença orgânica<sup>2-4</sup>.

A medicalização da vida cotidiana é capaz de transformar sensações físicas ou psicológicas normais (tais como insônia e tristeza momentâneas) em sintomas de doenças (como distúrbios do sono e depressão), acontecendo uma explosão de diagnósticos classificatórios/patologizantes. Especialistas consideram que ao mesmo tempo em que surge essa variedade de diagnósticos, produzem-se um bombardeio de tratamentos, muitos dos quais não são benéficos à saúde humana. Tal situação é extremamente lucrativa para as grandes indústrias farmacêuticas que cada vez mais vão atingindo papéis importantes na economia capitalista<sup>4</sup>.

Há um processo descontrolado em transformar problemas tipicamente passíveis de ocorrer com qualquer indivíduo saudável, em verdadeiros transtornos, e/ou considerar todos os repertórios comportamentais dos indivíduos sendo resultado somente da biologia dos mesmos<sup>3,4</sup>. Um exemplo clássico de como essa visão de medicalização maciça do cotidiano está afetando a sociedade pode ser encontrado no tocante ao campo escolar, em destaque o infantil. No discurso dos profissionais, existe a inter-relação de três temas como sendo os principais vilões da escola: 1) problemas neurológicos; 2) dificuldades de aprendizagens; 3) indisciplina. As famílias são então orientadas a buscarem suporte médico, visando bom comportamento, rendimento e disciplina, e também passar por avaliação neurológica, mascarando mesmo que involuntariamente

as responsabilidades de outros fatores como a baixa qualidade do ensino e problemas nas relações intrafamiliares que reforçam a emissão de comportamentos inadequados<sup>3,4</sup>.

A partir de 1994 houve um deslocamento do campo dos problemas psicológicos para o dos transtornos, declarados como de etiologia genética e bioquímica, na qual o sofrimento psicológico é interpretado como um transtorno neurobiológico com sinais não específicos, constituído uma perigosa transformação do campo da psicopatologia: o apagamento de um indivíduo que é único (biologicamente), que teve experiências específicas ao decorrer de sua história e reforçado pelos padrões (comportamentais) culturais os quais foi exposto, sendo que nestes a medicina se eleva a uma condição detentora de um saber criacionista<sup>2,3,4</sup>.

Trata-se de uma clínica dogmaticamente reducionista que se transforma cada vez mais numa neurobiologia. A introdução do tratamento farmacológico na medicina psiquiátrica levou ao retorno aos modelos circunscritos em torno de uma causalidade biológica, genética e neuroquímica do transtorno em questão. O discurso psiquiátrico converteu-se no principal dispositivo regular do normal e do patológico na infância, isso se dá graças às instituições de assistência à infância - a família, a escola, o conselho tutelar, as clínicas privadas, as unidades de saúde - que demandam à medicina a uma intervenção medicamentosa, corroborando continuamente para o aumento da medicalização da vida cotidiana<sup>2,4</sup>.

Toda essa temática da medicalização tem transformado as populações, com um declínio da capacidade de enfrentamento autônomo da maior parte dos adoecimentos e das dores cotidianas, o que desemboca um consumo abusivo e contraprodutivo (envolve idéia de um instrumento que passa a produzir efeitos paradoxais) dos serviços biomédicos, gerando dependência excessiva e alienação. O indivíduo perde sua autonomia, a capacidade de escolha e de construir sua história e de modificar sua cultura com uma intervenção mais pessoal<sup>4,5</sup>. A grande problemática é que

sem sempre ocorrem interações que oportunizem outras possíveis formas de tratamento antes das precoces prescrições de medicamentos. Ademais, pouca importância tem se dado ainda para a questão dessa geração e cultura que cada vez mais está extremamente medicalizada, podendo comprometer muito as gerações posteriores. O diálogo entre as diversas áreas que tangem o tema têm encontrado resistências, como, questões de poder, influência política, econômica e principalmente a existência de grupos que se restringem com veemência à excessiva medicalização.

Contudo, não se pode deixar de salientar a importância das inovações e descobertas visando à otimização dos tratamentos em prol à vida humana. Mas em todo campo há seus excessos e limitações, e que podem produzir prejuízos à humanidade. O tratamento farmacológico torna-se muito eficaz para o equilíbrio do indivíduo que está com dificuldades para realizar suas atividades diárias, e também no controle de casos mais graves. Contudo, não é sempre suficiente para solucionar todas as demandas do paciente, daí, se faz necessário avaliar a intervenção de outros profissionais da saúde.

## REFERENCIAS

1. Calazans R, Lustoza RZ. A medicalização do psíquico: os conceitos de vida e saúde. *Arq Bras Psicol* 2008 abr; 60(1): 124-131.
2. Kamers M. A fabricação da loucura na infância: psiquiatrização do discurso e medicalização da criança. *Estilos Clin* 2013 abr; 18(1): 153-165.
3. Farias AKCR, Filho AM, Albuquerque AR, Assunção ABM, Dutra A, Bravin AA, et.al. *Análise comportamental clínica: aspectos teóricos e estudos de caso*. Porto Alegre: Artmed; 2010.
4. Meira MEM. Para uma crítica da medicalização na educação. *Psicol Esc Educ* 2012 jan/jun; 16(1): 135-142
5. Tesser CD. Medicalização social: o excessivo sucesso do epistemicídio moderno na saúde. *Interface Comunic. Saude, Educ* 2006 jan/jun; 10(19): 61-76